

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999

*A dama de espadas: prosa e poemas* (prosa) © Boris Schnaiderman, 1999

*A dama de espadas: prosa e poemas* (poemas)

© Nelson Ascher e Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Imagem da capa:

*Desenhos a bico-de-pena de Aleksandr Púchkin (1799-1837)*  
*aquarelados por Cynthia Cruttenden*

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica*

Revisão:

*Alexandre Barbosa de Souza*

1ª Edição - 1999, 2ª Edição - 2006 (1ª Reimpressão - 2008)

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro  
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Púchkin, Aleksandr, 1799-1837  
P977d A dama de espadas: prosa e poemas / Aleksandr  
Púchkin; tradução de Boris Schnaiderman e Nelson  
Ascher — São Paulo: Ed. 34, 1999.  
264 p.

ISBN 85 7326-133-1

1. Ficção russa. 2. Poesia russa. I. Schnaiderman,  
Boris. II. Ascher, Nelson. III. Título. IV. Série.

CDD - 891.78

## KIRDJALI

Kirdjali era búlgaro de nascimento. Kirdjali, em turco, significa paladino, valente.<sup>1</sup> Não sei o seu verdadeiro nome.

Kirdjali aterrorizava toda a Moldávia com os seus atos de banditismo. Para dar uma idéia sobre a sua pessoa, vou descrever um dos seus feitos. Certa noite, ele e o arnaúta<sup>2</sup> Mikhailáki atacaram juntos um povoado búlgaro. Incendiaram-no em duas extremidades opostas e foram passando de cabana em cabana. Kirdjali apunhalava gente, enquanto Mikhailáki carregava as presas. Ambos gritavam: “Kirdjali! Kirdjali!”. Todos os habitantes trataram de fugir.

Quando Alexandre Ipsilânti deflagrou a revolta popular e começou a formar um exército,<sup>3</sup> Kirdjali levou para ele alguns dos seus velhos companheiros. Não conhecia bem a verdadeira finalidade do movimento, mas a guerra apresentava

<sup>1</sup> Segundo nota à edição da Academia de Ciências da U.R.S.S., a palavra turca *kirdjali*, originária da região de Adrianópolis, provém do nome Kirdja Ali, guerreiro turco do século XIV. No século XVIII, apareceram na região bandos de salteadores, que o povo chamava de *kirdjali*. A ação desses bandos assumia freqüentemente um caráter político.

<sup>2</sup> Nome atribuído então aos montanhesees da Albânia e das regiões vizinhas, sobretudo aos que serviam no exército turco.

<sup>3</sup> Trata-se de acontecimentos anteriores à guerra de libertação da Grécia. O grego Alexandre Ipsilânti foi oficial do exército russo e amigo do czar Alexandre I. Tornou-se presidente da *Philiké Hetairia*, sociedade secreta dos patriotas gregos, e conseguiu em 1821 sublevar a Valáquia e a Moldávia contra o domínio turco, mas o movimento acabou resultando num fracasso completo.

uma oportunidade de enriquecer à custa dos turcos, e talvez dos moldavos também, isso lhes parecia evidente.

Alexandre Ipsilânti era pessoalmente corajoso, mas não possuía as qualidades necessárias para o papel que assumira com tanto ardor e tamanha imprudência. Não sabia lidar com os homens que era forçado a chefiar, e que não tinham por ele consideração nem confiança. Depois de um combate desastroso, em que pereceu a flor da juventude grega, Iordáki Olimbióti aconselhou-o a afastar-se e tomou o seu lugar. Ipsilânti partiu a cavalo para a fronteira da Áustria e de lá mandou a sua maldição aos homens que chamava de desobedientes, covardes e canalhas. Esses covardes e canalhas, na maioria, pereceram entre os muros do mosteiro de Seku ou nas margens do Prut, defendendo-se desesperadamente contra um inimigo dez vezes mais forte.

Kirdjali se achava no destacamento de Jorge Kantakuzeno, de quem se pode repetir tudo o que foi dito a respeito de Ipsilânti. Na véspera do combate de Skuliâni, Kantakuzeno pediu ao comando russo permissão para entrar na nossa área de quarentena. O destacamento ficou sem chefe; mas Kirdjali, Safianos, Kantagôni e outros não viam necessidade alguma de um chefe.

Ao que parece, o combate de Skuliâni ainda não foi descrito em toda a sua comovente verdade. Imaginem 700 homens, arnaútas, albaneses, gregos, búlgaros e todo um rebovalho, sem qualquer noção de arte militar, retirando-se diante de 15 mil cavaleiros turcos. Esse destacamento aproximava-se da margem do Prut, tendo na frente dois pequenos canhões achados em Iássi, no pátio do palácio do hospodar, e com os quais se costumava atirar por ocasião de jantares de aniversário. Os turcos gostariam de usar metralha, mas não ousavam fazê-lo sem a permissão do comando russo, pois a metralha, sem dúvida alguma, cairia em nossa margem também. O chefe da área de quarentena (atualmente já falecido), que passara quarenta anos nas fileiras, nunca tinha ouvido as-

sobio de balas. Mas nessa ocasião Deus lhe concedeu isto. Algumas delas passaram zunindo junto aos seus ouvidos. O velho zangou-se terrivelmente, e encarniçou-se por tal motivo contra o major do regimento de caçadores de Okhotsk, que estava junto à área de quarentena. Não sabendo o que fazer, o major correu para o rio, na margem oposta do qual alguns cavaleiros faziam evoluções, e ameaçou-os com o dedo. Vendo isso, os cavaleiros deram meia volta e partiram a galope, seguidos por todo o destacamento turco. O major que fizera aquele gesto com o dedo chamava-se Khortchévski. Não sei o que é feito dele.

No entanto, no dia seguinte, os turcos atacaram os heteristas. Não ousando empregar metralha ou granadas, eles decidiram, contrariamente aos seus hábitos, agir com armas brancas. Foi um combate cruento. Os iatagãs<sup>4</sup> entraram em ação. Do lado turco, observavam-se lanças, que até então eles não possuíam; essas lanças eram russas; havia *niekrassovianos*<sup>5</sup> nas suas fileiras. Os heteristas tiveram permissão do nosso soberano para atravessar o Prut e refugiar-se em nossa quarentena. Começaram a atravessar o rio. Kantagôni e Safianos foram os últimos a permanecer na margem turca. Kirdjali, ferido na véspera, já estava na quarentena. Safianos foi morto. Kantagôni, um homem muito gordo, foi ferido por lança na barriga. Com uma das mãos, ergueu o sabre, com a outra se agarrou à lança inimiga, meteu-a com mais força em seu próprio corpo, e desse modo pôde alcançar com o sabre o seu assassino, junto com quem ele caiu.

Estava tudo terminado. Os turcos saíram vencedores. A Moldávia foi limpa dos rebeldes. Perto de seiscentos arnaútas

<sup>4</sup> Grande punhal curvo, afiado de um lado só, usado antigamente pelos turcos.

<sup>5</sup> Cossacos perseguidos pelo governo czarista, seguidores do Rito Antigo, isto é, anterior à reforma introduzida na Igreja russa no século XVII, e que se estabeleceram na Turquia, chefiados por Ignát Niekrassa.

espalharam-se pela Bessarábia; não sabendo como alimentar-se, eram, no entanto, gratos à Rússia, pela sua proteção. Levavam vida indolente, mas não devassa. Podiam ser vistos sempre nos cafés da meio turca Bessarábia, com longos cachimbos na boca, sorvendo borra de café de umas xícaras pequenas. Os seus paletós bordados e os sapatos vermelhos, de bicos alongados, já começavam a ficar gastos, mas ainda usavam de lado o chapéu com penas, e os iatagãs e pistolas continuavam pendendo-lhes dos cintos largos. Ninguém tinha queixa deles. Não se podia sequer supor que aqueles pacíficos pobretões fossem os mais conhecidos *cleftas* da Moldávia, companheiros do temível Kirdjali, e que o chefe em pessoa se encontrasse entre eles.

O paxá que exercia o comando em Iássi soube do fato e, baseando-se nos tratados de paz, exigiu que o comando russo lhe entregasse o bandido.

A polícia começou a procurá-lo. Soube-se que Kirdjali se encontrava realmente em Kichinióv. Foi apanhado em casa de um monge fugitivo, à noitinha, quando ceava, sentado no escuro, com sete companheiros.

Encarceraram-no. Não negou a verdade e confessou que era Kirdjali. “Mas — acrescentou ele — depois que atravessei o Prut, não toquei sequer um fio de cabelo alheio, não ofendi o último dos ciganos. Para os turcos, os moldavos e valáquios, eu sou naturalmente um bandido, mas para os russos sou um hóspede. Quando Safianos, depois de gastar toda a sua metralha, chegou à quarentena, tirando dos feridos, para os últimos tiros de metralha, botões, pregos, correntinhas e punhos de iatagã, dei-lhe vinte *beshlikes* e fiquei sem dinheiro. Deus é testemunha de que eu, Kirdjali, vivi de esmola! Por que é que os russos me entregam agora aos meus inimigos?” Em seguida, calou-se e ficou esperando calmamente a decisão da sua sorte.

Não esperou muito. O comando não era obrigado a encarar os bandidos pelo seu aspecto romântico, e, convencido

da justeza da exigência, ordenou a transferência de Kirdjali para Iássi.

Um homem de coração e inteligência, que naquele tempo era um ignorado e jovem funcionário, e que atualmente ocupa um alto cargo,<sup>6</sup> descreveu-me em cores vivas a partida de Kirdjali.

Junto ao portão da prisão, estava parada uma *karutza* postal... (Talvez os senhores não saibam o que é uma *karutza*. É um carro baixo, pequeno, de cobertura trançada, ao qual se costumava atrelar, ainda recentemente, de seis a oito rocins. Um moldavo de bigode e chapéu de carneiro, montado num deles, gritava a todo momento e fazia estalar o chicote, e os rocins corriam num trote bastante largo. Se um deles começava a atrasar-se, ele o desatrelava com maldições terríveis, e largava-o na estrada, sem se incomodar com o seu destino. Tinha certeza de encontrá-lo na volta, no mesmo lugar, passando calmamente na estepe verde. Não raro, um viajante, saído de uma estação com oito cavalos, chegava à seguinte com dois apenas. Isto acontecia uns quinze anos atrás. Atualmente, na Bessarábia russificada,<sup>7</sup> já se adotaram a telega e os arreios russos.)

Uma dessas *karutzas* estava junto ao portão da prisão, num dos últimos dias de setembro de 1821. Rodeavam a *karutza* judias de mangas descidas e sapatos que se arrastavam, arnaútas, em seus trajés esfarrapados e pitorescos, e esbeltas moldavas, com meninos de olhos negros nos braços. Os homens conservavam-se em silêncio, as mulheres esperavam algo com ardor.

Abriu-se o portão, e alguns oficiais de polícia saíram à

<sup>6</sup> Segundo nota à edição russa da Academia, trata-se de M. I. Leks (1793-1856).

<sup>7</sup> A Bessarábia foi ocupada várias vezes pelos russos, em consequência de guerras com a Turquia, e seria incorporada ao Império russo após o tratado de Berlim, em 1878.

rua atrás deles, dois soldados fizeram sair Kirdjali acorrentado.

Parecia ter uns trinta anos. As feições do seu rosto moreno eram regulares e severas. Tinha estatura elevada, ombros largos e, de modo geral, nele se refletia extraordinária força física. Um turbante de cores vivas, posto de lado, cobria-lhe a cabeça, e um cinto largo envolvia-lhe a cintura estreita; completavam-lhe o traje um dólmã de grossa fazenda azul, largas dobras da camisa, que lhe caíam acima dos joelhos, e sapatos bonitos. Aparentava orgulho e calma.

Um dos funcionários, velhinho de carantonha rubicunda, que usava um uniforme desbotado, sobre o qual balançavam três botões, comprimiu com os óculos de aros de estanho a bolota rubra que substituíra nele o nariz, desdobrou um papel, e, emitindo sons nasalados, começou a ler em moldavo. De quando em quando, lançava um olhar altivo para o acorrentado Kirdjali, a quem provavelmente o documento se referia. Kirdjali ouvia-o com atenção. O funcionário terminou a leitura, dobrou o papel, gritou ameaçadoramente para o povo, ordenando-lhe que se dispersasse, e mandou trazer a *karutza*. Então Kirdjali se dirigiu a ele e disse-lhe algumas palavras em moldavo; tremia-lhe a voz e tinha o rosto alterado; começou a chorar e caiu aos pés do funcionário policial, fazendo tilintar as correntes. O funcionário, assustado, deu um pulo para trás; os soldados iam soerguer Kirdjali, mas ele se levantou sozinho, segurou as correntes, deu um passo para dentro da *karutza* e gritou: “Vamos!”. Um gendarme sentou-se ao seu lado, o moldavo fez estalar o chicote, e a *karutza* se pôs a caminho.

— O que foi que lhe disse Kirdjali? — perguntou ao policial o jovem funcionário.

— Ele me pediu — respondeu rindo o policial — que eu cuidasse da sua mulher e do seu filho, que vivem não longe de Kilia, numa aldeia búlgara: tem medo de que também sofram por causa dele. Gente estúpida.

O relato do jovem funcionário comoveu-me profundamente. Tive pena do pobre Kirdjali. Por muito tempo, não soube nada sobre o seu destino. Alguns anos depois, tornei a encontrar o jovem funcionário. Lembramos o passado.

— E o seu amigo Kirdjali? — perguntei. — Sabe que fim levou?

— Como não?! — replicou ele e contou-me o seguinte:

Kirdjali foi levado para Iássi e apresentado ao paxá, que o condenou à morte por empalação. A execução foi adiada até certo feriado. E até lá, encerraram-no em uma prisão.

O prisioneiro estava sob a guarda de sete turcos (gente simples e, no fundo, bandidos em tudo semelhantes a Kirdjali); eles respeitavam-no e ouviam, com uma avidez comum a todo o Oriente, as suas fantásticas histórias.

Entabulou-se estreita ligação entre os guardas e o prisioneiro. De uma feita, Kirdjali disse-lhes: “Irmãos! A minha hora se aproxima. Ninguém escapa ao seu destino. Em breve, eu me despedirei de vocês. Por isso, gostaria de lhes deixar algo como lembrança”.

Os turcos ficaram de orelhas alvoroçadas.

— Irmãos — prosseguiu Kirdjali —, há três anos, quando eu ainda praticava assaltos com o falecido Mikhailáki, enteramos na estepe, próximo a Iássi, um caldeirão com *galbins*. Pelo visto, nem eu nem ele estávamos destinados a possuir esse tesouro. Seja: tomem-no e repartam-no fraternalmente.

Os turcos quase enlouqueceram. Começaram a discutir: como encontrar o sítio secreto? Depois de pensar, decidiram que o próprio Kirdjali os levasse até lá.

Chegou a noite. Os turcos tiraram as correntes que prendiam os pés do prisioneiro, amarraram-lhe as mãos com uma corda e foram com ele para a estepe.

Kirdjali conduziu-os sempre na mesma direção, de um outeiro a outro. Caminharam muito tempo. Finalmente, Kirdjali deteve-se perto de uma grande pedra, mediu doze passos na direção sul, bateu o pé e disse: “Aqui”.

Os turcos tomaram providências. Quatro deles depuseram os iatagãs e começaram a cavar a terra. Três ficaram de guarda. Kirdjali sentou-se sobre a pedra e pôs-se a olhar o trabalho deles.

— E então? É para breve? — perguntava. — Já chegaram ao tesouro?

— Ainda não — respondiam os turcos, e trabalhavam com tal afinco que o suor lhes caía aos borbotões.

Kirdjali começou a impacientar-se.

— Que gente! — dizia ele. — Nem sabem cavar direito a terra. Se fosse comigo, acabaria tudo em dois tempos. Meus filhos! Desamarrem-me as mãos e me dêem um iatagã.

Os turcos ficaram pensativos e puseram-se a conferenciar.

— E então? — decidiram eles. — Vamos desamarrear-lhe as mãos e dar-lhe um iatagã. Que mal há nisso? Ele é um só e nós somos sete.

Desamarraram-lhe, pois, as mãos e deram-lhe um iatagã.

Finalmente, Kirdjali estava livre e armado. O que não sentiu naquele momento!... Começou a cavar agilmente, ajudado pelos guardas... De repente, enterrou o iatagã num deles e, deixando a lâmina em seu peito, arrancou-lhe do cinto duas pistolas.

Vendo Kirdjali armado, os outros seis se dispersaram.

Kirdjali continua atualmente os seus atos de banditismo nas proximidades de Iássi. Recentemente, escreveu ao hospodar, exigindo-lhe cinco mil *lei* e ameaçando-o, em caso de não ser satisfeito, com o incêndio de Iássi e o ajuste de contas com o príncipe em pessoa. Foram-lhe entregues os cinco mil *lei*.

Que tal esse Kirdjali?